

COMO VOCÊS IMAGINAM A
ESCRITORA
MARIA CAROLINA DE JESUS?



Carolina Maria de Jesus

QUARTO DE DESPEJO

DIÁRIO DE
UMA FAVELADA

edição comemorativa (1960 - 2020)

ea
editora ática

PROGRAMA

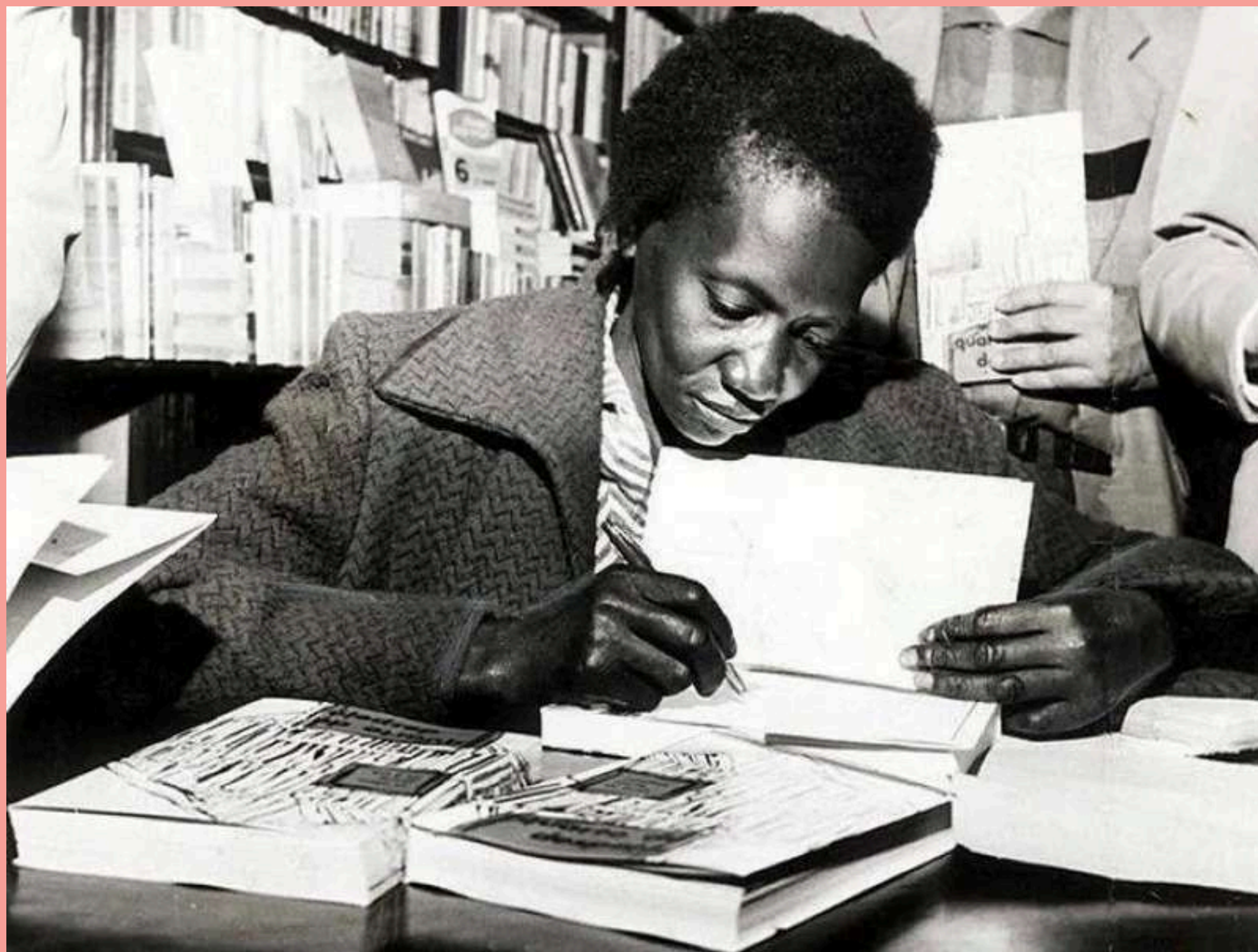
MULHERES MIL

Escritora,
compositora,
cantora e
poetisa...

A VIDA, A OBRA

e as ideias de Carolina Maria de Jesus

Observe as imagens de representações de Carolina Maria de Jesus:

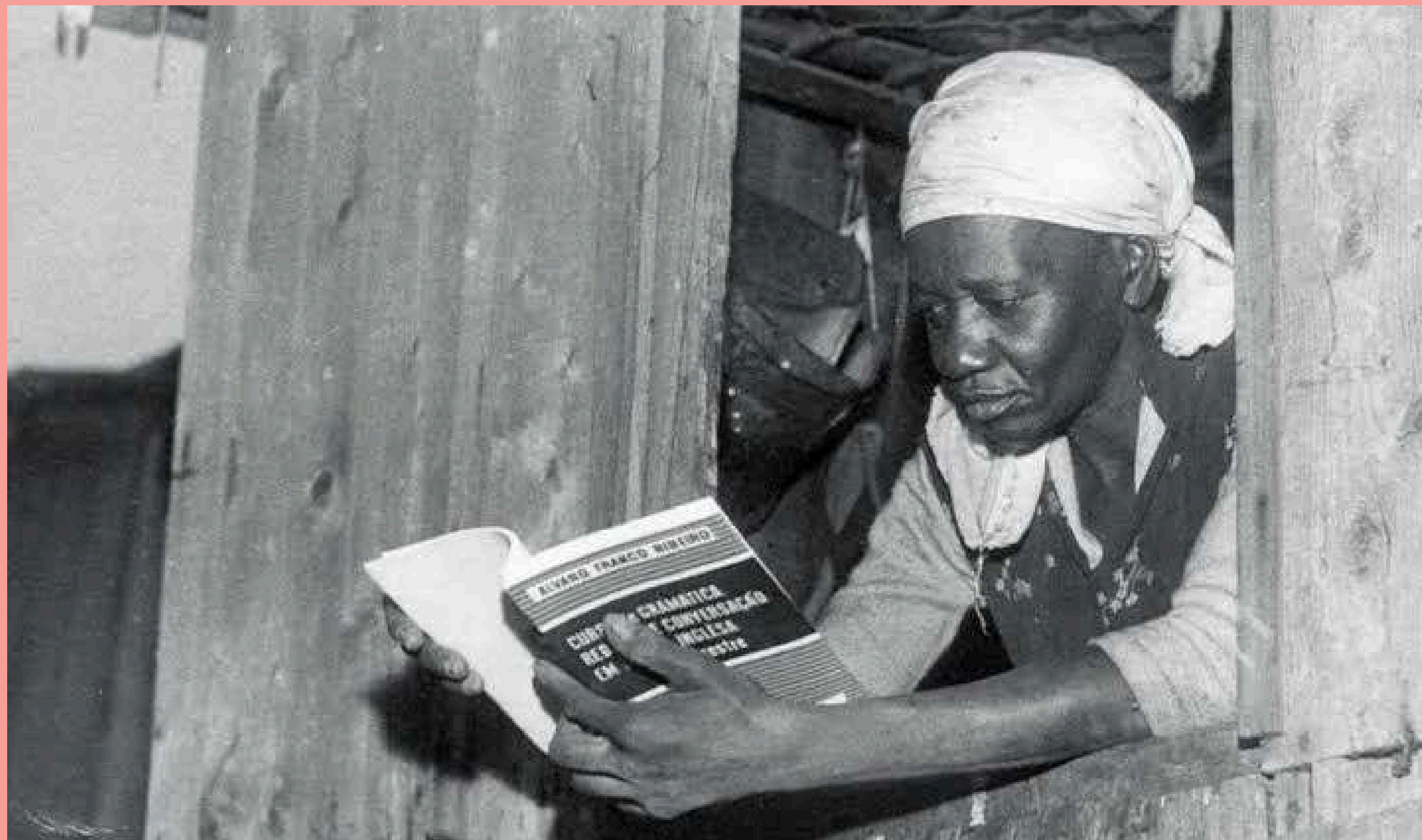














QUEM ERA CAROLINA?



CAROLINA

Uma mulher negra, retinta, pobre, que chegou a São Paulo como retirante mineira, perambulou por diferentes empregos de doméstica, transformou-se em catadora de papel e se coroou como escritora de um livro.

Mãe solteira, com três filhos de diferentes pais, o código da moral familiar é um dos primeiros que Carolina infringe:

‘Não casei e não estou descontente. Os que preferiu-me eram soezes [baixos, vis, vulgares] e as condições que eles me impunham eram horríveis’ (p. 14).

QUAL É A SUA MOTIVAÇÃO
PARA LER UM LIVRO?



QUAL É A SUA MOTIVAÇÃO
PARA ESCREVER UM LIVRO?



CAROLINA MARIA DE JESUS

A VIDA, A OBRA e AS IDEIAS DA AUTORA DE *QUARTO DE DESPEJO*



Reprodução

NOME: Carolina Maria de Jesus

NASCIMENTO: 14/03/1914

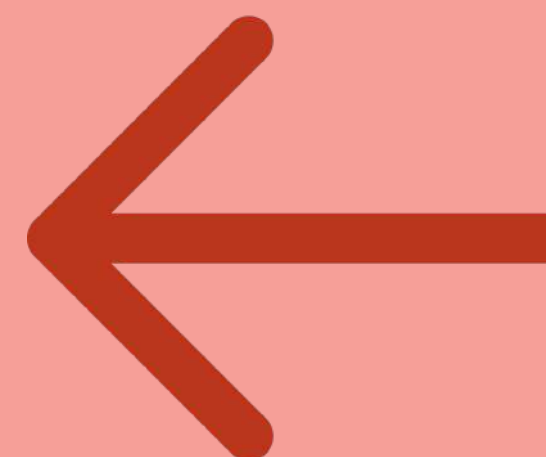
MORTE: 13/2/1977

ONDE NASCEU: Sacramento (MG)

ONDE MOROU: São Paulo (SP)

MOTIVO PARA ESCREVER UM LIVRO: "quando eu não tinha nada o que comer, em vez de xingar eu escrevia".

MOTIVO PARA LER UM LIVRO: "para adquirirmos boas maneiras e formarmos nosso caráter".

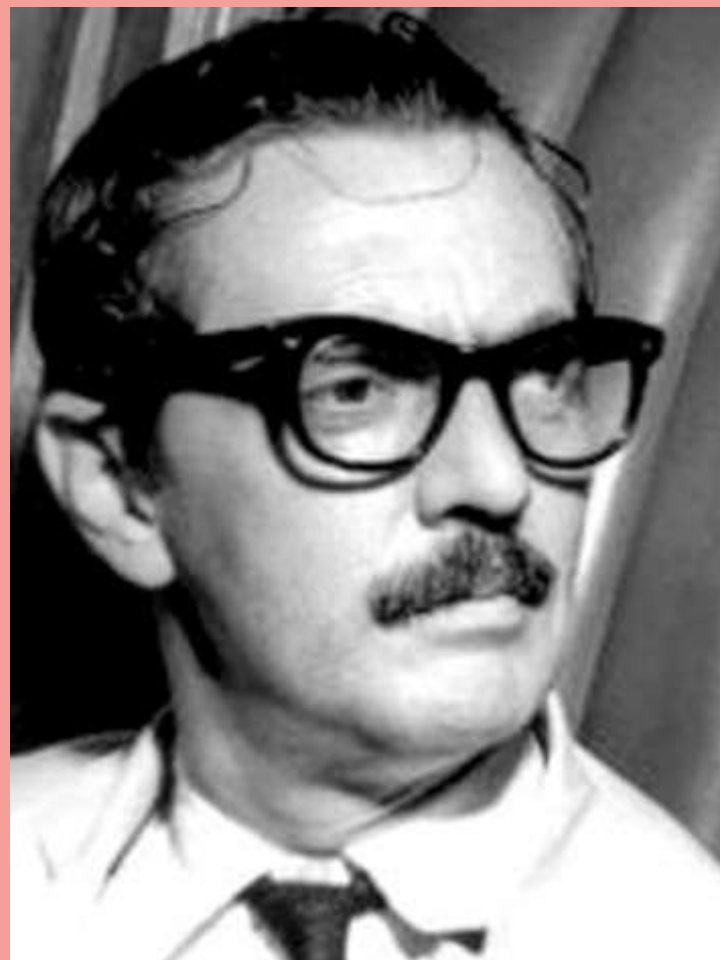


CONTEXTO HISTÓRICO DA OBRA



Inauguração de Brasília

Eleição de Jânio Quadros



Revistas que surgiram:

Manequim (1959)



Claúdia (1960)



Veja (1968) - de cara nova,



O Pasquim (1968) - linguagem moderna, rompendo com tradições



CONTEXTO DA PRODUÇÃO LITERÁRIA DA OBRA



Cecília Meirelles

1960 – Mela rosicler

1961 – Solombra

1962 – Ou isto ou aquilo

1964 – Crônica trovada da cidade de Sam
Sebastiam do Rio de Janeiro



Clarice Lispector

1960 – Laços de família

1961 – A maça no escuro

1964 – A paixão segundo G. H. e A legião
estrangeira

1969 – Uma aprendizagem ou O livro dos
prazeres



Adelaide Carraro

1963 - *Eu e o governador*



Lygia Fagundes Telles

1962 - *Verão no aquário*

1964 - *Histórias escolhidas*

1965 - *O jardim selvagem*

1970 - *Antes do baile verde*



Henriqueta Lisboa

1962 - *Além da imagem*



Cora Coralina

1965 - *Poema dos becos de Goiás
e histórias mais*



A LITERATURA E A FOME INSPIRAÇÃO ARTÍSTICA

depoimentos e textos da autora

Algumas questões...



POR QUE CAROLINA COMEÇOU A
ESCREVER?

“Quando eu não tinha nada o que comer, em vez de xingar eu escrevia. Tem pessoas que, quando estão nervosas, xingam ou pensam na morte como solução. Eu escrevia o meu diário.”

O INTRESSE PELA LITERATURA

“Seria uma deslealdade de minha parte não revelar que o meu amor pela literatura foi-me incutido por minha professora, dona Lanita Salvina, que aconselhava-me para eu ler e escrever tudo que surgisse na minha mente. E consultasse o dicionário quando ignorasse a origem de uma palavra. Que as pessoas instruídas vivem com mais facilidade.”

A PUBLICAÇÃO DE SUA OBRA

Cansei de suplicar às editoras do país e pedi à editora Seleções [do *Reader's Digest*] nos Estados Unidos se queria publicar meus livros em troca de casa e comida e enviei uns manuscritos para eles ler. Devolveram-me... Depois que conheci o repórter [Audálio Dantas] tudo transformou-se."

A IDEIA DO TÍTULO

“É que em 1948, quando começaram a demolir as casas térreas para construir os edifícios, nós, os pobres, que residíamos nas habitações coletivas, fomos despejados e ficamos residindo debaixo das pontes. É por isso que eu denomino que a favela é o quarto de despejo de uma cidade. Nós, os pobres, somos os trastes velhos.”

O SUCESSO DE PÚBLICO DE QUARTO DE DESPEJO

·Eu não sei o que eles acham no meu diário. Escrevo a miséria e a vida infasta dos favelados. Fico pensando o que será *Quarto de despejo*?, umas coisas que eu escrevia há tanto tempo para desafogar as misérias que enlaçavam-me igual o cipó quando enlaça as árvores, unindo todas."

O RELACIONAMENTO COM O PESSOAL DA FAVELA DEPOIS DA FAMA

“Muita gente passou a achar que eu fiquei rica. Procuravam-me como se eu fosse dona de uma fortuna. Queriam propor negócios malucos. Queriam pedir empréstimos, pedir auxílios descabidos. O que me dói é que se aproximam fantasiados de honestos. Pedem, exigem quase, como se eu não fosse apenas mãe da Vera, do João e do José Carlos, mas a mãe de todos. Pedem e depois não pagam.”

O MUNDO FORA DA FAVELA

“Decepção. Pensei que houvesse mais idealismo, menos inveja. Mas aqui há não só muita ambição, mas também o desejo de vencer a qualquer preço. Mesmo que os meios empregados sejam podres. Quando matei um porco, lá na favela do Canindé, alguns vizinhos exigiram um pedaço de carne. Rondavam meu barraco feito bicho que fareja presa. Lá na favela era o porco, aqui é o dinheiro. No fundo é a mesma coisa. Lembrei do meu provérbio: ‘Não há coisa pior na vida do que a própria vida.’”

HOMENAGENS PÓSTUMAS A CAROLINA



Carolina Maria de Jesus

Um Brasil para os brasileiros

Instituto Moreira Salles, São Paulo, 2022.



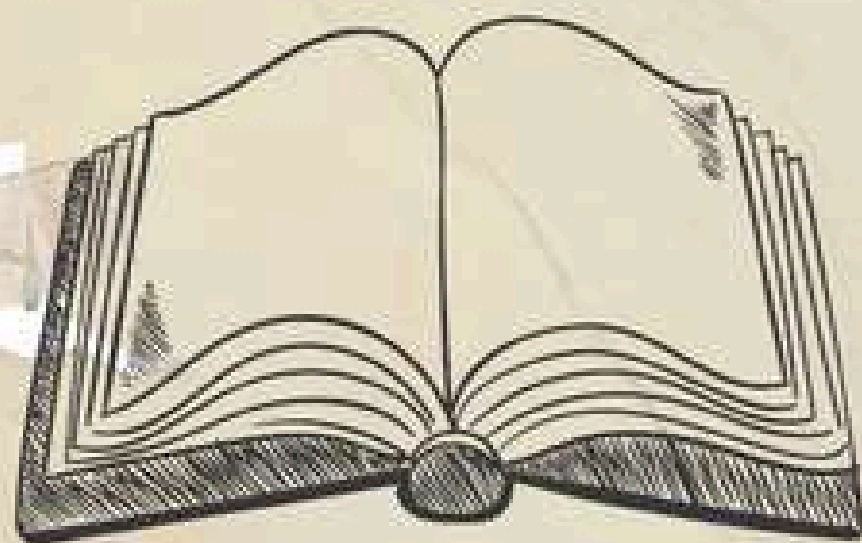
Carolina Maria de Jesus

O retumbante sucesso de Quarto de despejo, de 1960, inseriu uma negra e moradora de favela entre os autores da literatura brasileira. A obra de Carolina ganha cada dia mais importância ao longo do século XXI, quando se intensificam ...

 Instituto Moreira Salles

[HTTPS://IMS.COM.BR/TITULAR-COLECAO/CAROLINA-MARIA-DE-JESUS/](https://ims.com.br/titular-colecao/carolina-maria-de-jesus/)

HORA DA LEITURA



VAMOS CONVERSAR UM POUCO SOBRE ESSE GÊNERO TEXTUAL

DIÁRIO



QUAIS SÃO AS PRINCIPAIS
CARACTERÍSTICAS DE UM TEXTO QUE
PERTENCE A ESSE GÊNERO (DIÁRIO)?

-  **é o registro de acontecimentos do dia a dia, de relatos, de reflexões e/ou de anotações;**
-  **pode apresentar data, vocativo (chamamento ao interlocutor) e assinatura;**
-  **pode ser de cunho (natureza) íntima, sobre uma viagem, sobre um reportagem/um fato jornalístico, etc.;**
-  **temática é ampla;**
-  **linguagem pode variar: formal ou informal;**

E O DIÁRIO DE CAROLINA?

QUAIS SÃO SUAS PRINCIPAIS
CARACTERÍSTICAS?

a instrumento de defesa e ataque em relação aos conflitos da favela;

b constante questionamento das condições subalternas e miseráveis em que se encontram a população negra no Brasil;

c literatura de testemunho - um tom de denúncia.

Isso é comum para um diário ?

LEITURA – TRECHOS DO LIVRO

“O Brasil precisa ser dirigido por uma pessoa que já passou fome.”



15 DE JULHO DE 1955

Aniversário de minha filha Vera Eunice. Eu pretendia comprar um par de sapatos para ela. Mas o custo dos generos alimentícios nos impede a realização dos nossos desejos. Atualmente somos escravos do custo de vida. Eu achei um par de sapatos no lixo, lavei e remendei para ela calçar. Eu não tinha um tostão para comprar pão. Então eu lavei 3 litros e troquei com o Arnaldo. Ele ficou com os litros e deu-me pão. Fui receber o dinheiro do papel. Recebi 65 cruzeiros. Comprei 20 de carne, 1 quilo de toucinho e 1 quilo de açúcar e seis cruzeiros de queijo. E o dinheiro acabou-se. Passei o dia indisposta. Percebi que estava resfriada. A noite o peito doiame. Comecei tossir. Resolvi não sair a noite para catar papel. Procurei meu filho João José. Ele estava na rua Felisberto de Carvalho, perto do mercadinho. O ônibus atirou um garoto na calçada e a turba afluiu-se. Ele estava no núcleo. Deilhe uns tapas e em cinco minutos ele chegou em casa. Ablui as crianças, aleitei-as e ablui-me e aleitei-me. Esperei até as 11 horas, um certo alguém. Ele não veio. Tomei um melhorai e deitei-me novamente. Quando despertei o astro rei deslisava no espaço. A minha filha Vera Eunice dizia: — Vai buscar agua mamãe!

UM OLHAR DIFERENTE PARA UMA

escritora diferente

“Ao aproximar-se da arte, a vida pode tornar-se mais compreensível. Fica, hoje, a certeza de que Carolina foi uma pioneira. E cresce, junto com a certeza de seu corajoso pioneirismo, a esperança de que nos caminhos que ela abriu sigam-na muitas e muitas outras Carolinas na conquista de uma cidadania letrada plena que, em nossa tradição, costuma ser reservada para poucos. Para aqueles poucos que falam e escrevem sem sotaque e que, entre as prerrogativas que tal fala e tal escrita lhes garantem, inclui-se o direito de estigmatizar sotaques.” (Marisa Lajolo, 1995)



NARRADORA-AUTORA-PERSONAGEM

completamente atípica na tradição brasileira

“se o leitor possui alguma riqueza e vida bem acomodada, sairá de si para ver como é às vezes o outro. Se é pobre, não estará me lendo porque ler-me é supérfluo para quem tem uma leve fome permanente. Faço aqui o papel de vossa válvula de escape e da vida massacrante da média burguesia [...]”

Clarice Lispector

meus olhos” (p. 94)⁸. A trivialidade da economia em que se traduzem as artimanhas de sobrevivência chega a ser irritante de tão minuciosa, mas talvez não seja descabido pensar que sua redundância é expressão maior de sua avassaladora presença no dia a dia de Carolinas.

Numa precária contabilidade de deve e haver, no registro cuidadoso de ganhos e necessidades, onde a urgência destas excede sempre o montante daqueles, o livro registra, implacável, uma vida em déficit: “Quando ganhei 30 cruzeiros pensei: já dá para pagar os sapatos da Vera [...] O senhor Salvador perguntou-me porque foi que sumi de lá. Eu fiquei envergonhada com a sua acolhida tão gentil. [...] Ele deu-me 31 cruzeiros. Fiquei alegre. [...] Catei mais um pouco de papel e recebi 10 cruzeiros. Fiquei com 71 cruzeiros. Dei 30 para os sapatos, fiquei com 41.

Estruturado em forma de um diário que cobre cinco anos de vida na favela paulistana do Canindé, não obstante os inevitáveis cortes que a edição do livro exigiu, *Quarto de despejo* articula-se numa dicção pessoalíssima. Nem as constantes infrações da gramática e da ortografia silenciam a força de uma linguagem que, se se equivoca acreditando literarizar-se no recurso ao léxico rebuscado — “várias pessoas afluíram-se” (p. 117), “deixei o leito as quatro da manhã” (p. 124), “perpassei o olhar no povo” (p. 144) —, intui corretamente a força da narração desataviada, dos períodos muito curtos, das imagens concretas e das reite- rações sintáticas que lembram a concisão do poema:

É o início do mês. É o ano que deslisa. (p. 43)

“Confidência do itabirano”, de Carlos Drummond de Andrade (1902-1987), da obra *Sentimento do mundo*, no qual o poeta faz referência a Itabira (MG), sua cidade natal.

Construção da mídia, na soleira da modernização acelerada da indústria cultural brasileira, as duas Carolinas – a de papel e tinta, e a de carne e osso – foram devoradas pela mesma máquina que as engendrou; ritual de devoração que transcorre sob os olhos e ouvidos cúmplices da esquerda, da direita e da academia. Todos traziam pronto o *script* que gostariam que a Carolina de carne e osso protagonizasse. Mas o roteiro de encomenda esbarrava na rebeldia daquela negra que, parecendo não conhecer o seu lugar, não aceitou nenhum dos papéis que lhe reservava o mundo da cultura letrada branca e os devolvia na mesma moeda; no troco, as contradições não exorcizadas nem no balanço da bossa e nem tampouco nas violadas no auditório.

Seu ganha-pão era a venda de papel velho. Catadora de papel usado, de jornais velhos que precisavam ser levados ao ponto de venda em um pesado saco equilibrado às costas, é como se Carolina contaminasse seu texto com o estigma de catadora de papel, profissão clandestina de recolha de resíduos e de detritos. Literal e metaforicamente, Carolina mistura papéis. E paga um preço alto por isso, o que ela intui certamente ao registrar o dia em que teve de ir buscar jornal em um prédio de classe média alta: “[...] eu era o alvo das atenções. Fiquei apreensiva, porque eu estava catando papel, andrajosa [...]” (p. 12)

“É este contexto cultural ao mesmo tempo requintado, esquerdizante e popular que contextualiza a obra forte, sem retoques e igualmente contraditória de Carolina Maria de Jesus. [...] Na esteira de uma Carolina protagonista e narradora do livro, e contextualizando seu percurso, delineiam-se, com diferentes luzes, diferentes matizes dos vários projetos nacionais então em curso, em cujo nome, aliás, tudo se fez para que *Quarto de despejo*, nos idos dos anos 1960, não arrombase o cenário montado para uma cultura oficial que se queria simultaneamente nacionalista, de vanguarda e politicamente correta.” (Marisa Lajolo, 2020, p. 208)